

RAIMUNDO LOPES

Moisés Gicovate

(da Academia Paulista de História)

Raimundo Lopes da Cunha, ou simplesmente Raimundo Lopes, pertence inquestionavelmente à galeria dos “Grandes Esquecidos”. Seu nome foi lembrado recentemente pelo presidente José Sarney em sua mensagem na evocação dos oitenta anos de Euclides da Cunha na Amazônia. Conheci-o e com ele convivi pelos idos de 1931, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, na seção de Antropologia, ao lado de Heloísa Alberto Torres, Alberto Childe e Roquette Pinto. O que desde logo impressionava em Raimundo Lopes era a sua vasta e diversificada cultura, a verdadeira erudição, em contraste com o seu físico, de estatura mediana, simplicidade no trato, um certo sem-cuidado no vestir, fácil comunicação. Seus profundos conhecimentos de geografia, história, etnografia, arqueologia eram de fazer inveja. Bastava uma simples indagação para merecer uma dissertação em que estavam presentes amplos conhecimentos nos diversos ramos das ciências. Uma fonte perene de saber.

Nasceu Raimundo Lopes em Viana, Maranhão, a 28 de setembro de 1894, vindo a falecer no Rio de Janeiro a 8 de setembro de 1941, poucos dias antes de completar 47 anos. Descendia de família ilustre, filho do dr. Manuel Lopes da Cunha, o segundo governador que teve o Maranhão neste século, e de dona Maria de Jesus Sousa Lopes da Cunha. “Para D. Graziela, seu marido era sobretudo um nobre, um desprendido, e se não fossem comuns imperativos de subsistência — diz — talvez melhor lhe fosse trabalhar sem ver dinheiro”

Geógrafo, etnógrafo, naturalista e literato. Não tendo concluído o curso de Direito, era apenas bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Maranhense; catedrático de Geografia e de História do Brasil no referido Liceu; naturalista efetivo do Museu Nacional; membro do Conselho do Patrimônio Artístico Nacional. Sócio efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde fundou a cadeira nº 21. Com o aumento do quadro social, foi escolhido por Josué Montelo como seu patrono da cadeira nº 31. Titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde fundou a cadeira nº 2, tendo como patrono Yves d’Evreux e, posteriormente, patrono da cadeira nº 27, fundada por Tasso Serra. Desde menino manifestou “irresistível vocação para o conhecimento científico”.

Raimundo foi essencialmente homem de ciência. Confirmam-no seus numerosos trabalhos. O primeiro, **O Torrão Maranhense** (Rio

de Janeiro, 1916). Ao retornar à capital, em 1915, trazia em sua bagagem os manuscritos. Contava então 22 anos de idade. Deveria servir de tese para a cadeira de Geografia do Colégio Pedro II. Obra pioneira e que se destaca pelos modernos conhecimentos de geografia e sua aplicação no estudo de seu Estado natal. Vasta cultura aliada a método didático de exposição, vasado em linguagem euclidiana. Visto em perspectiva histórica, constitui obra à parte dentre os estudos geográficos, pela renovação do método e de doutrina. Causa pasmo e admiração.

Decorridos vinte anos, sob o título **Uma região tropical**, apareceu incluído no Boletim do antigo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (1936/38), do Rio de Janeiro, em sucessivos capítulos, que constitui “em resumo, o alargamento, o aprimoramento ou o fortalecimento das idéias e análise, de seu primeiro livro...”. Em volume, **Uma região tropical**, foi publicado em 1970, pela Companhia Editora Fon-Fon e Sele-ta, do Rio de Janeiro, Coleção São Luiz, v. 2, patrocinado pela SUDEMA. No prólogo desta edição, lê-se: “A presente publicação, idêntica ao texto da edição originária de 1916, constitui pelas notas e ilustrações, trabalho novo”.

Por demais extensa a lista completa de suas publicações, citaremos algumas: **A civilização lacustre no Brasil, Aspectos da formação sertaneja, Entre a Amazônia e o sertão, Gonçalves Dias e a raça americana, A natureza e os monumentos culturais**. Além de um romance, **Peito de Moça**, deixou inédito um mapa etnológico e outro fitogeográfico. Colaborações esparsas em publicações nacionais e estrangeiras.

Destaque especial merece o volume **Antropogeografia**, aparecido em 1956, quinze anos após seu falecimento (Publicações avulsas do Museu Nacional, nº 18, 298 págs.), com prefácio da Professora Heloísa Alberto Torres. Merece leitura porquanto conta a história do livro e que deve ser registrada: “O casamento, realizado em 27 de junho de 1930 com Da. Graziela Rabelo da Costa, parece ter completado, disciplinado, como diz a ilustre Da. Heloísa Alberto Torres, do Museu Nacional, as atividades ainda vagantes de seu espírito, passando a produzir em estreita colaboração com a esposa”. Diversos capítulos foram elaborados e proferidos como palestras sobre antropogeografia na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, graças a Roquette Pinto. Impossível transmitir o montante de saber acumulado nesta **Antropogeografia**, de Raimundo Lopes, com a probidade característica de verdadeiro cientista. Ilustrações do autor e 207 notas enriquecem a obra, ímpar em nossa bibliografia científica.

Arrancar do esquecimento autores como Raimundo Lopes e reeditar suas obras (inclusive os esparsos em revistas e jornais) é uma forma superior de servir a Cultura de nosso país. Oxalá encontrem eco estas sugestões.

de Janeiro, 1916). Ao retornar à capital, em 1915, trazia em sua bagagem os manuscritos. Contava então 22 anos de idade. Deveria servir de tese para a cadeira de Geografia do Colégio Pedro II. Obra pioneira e que se destaca pelos modernos conhecimentos de geografia e sua aplicação no estudo de seu Estado natal. Vasta cultura aliada a método didático de exposição, vasado em linguagem euclidiana. Visto em perspectiva histórica, constitui obra à parte dentre os estudos geográficos, pela renovação do método e de doutrina. Causa pasmo e admiração.

Decorridos vinte anos, sob o título **Uma região tropical**, apareceu incluído no Boletim do antigo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (1936/38), do Rio de Janeiro, em sucessivos capítulos, que constitui “em resumo, o alargamento, o aprimoramento ou o fortalecimento das idéias e análise, de seu primeiro livro...”. Em volume, **Uma região tropical**, foi publicado em 1970, pela Companhia Editora Fon-Fon e Sele-ta, do Rio de Janeiro, Coleção São Luiz, v. 2, patrocinado pela SUDEMA. No prólogo desta edição, lê-se: “A presente publicação, idêntica ao texto da edição originária de 1916, constitui pelas notas e ilustrações, trabalho novo”.

Por demais extensa a lista completa de suas publicações, citaremos algumas: **A civilização lacustre no Brasil, Aspectos da formação sertaneja, Entre a Amazônia e o sertão, Gonçalves Dias e a raça americana, A natureza e os monumentos culturais**. Além de um romance, **Peito de Moça**, deixou inédito um mapa etnológico e outro fitogeográfico. Colaborações esparsas em publicações nacionais e estrangeiras.

Destaque especial merece o volume **Antropogeografia**, aparecido em 1956, quinze anos após seu falecimento (Publicações avulsas do Museu Nacional, nº 18, 298 págs.), com prefácio da Professora Heloísa Alberto Torres. Merece leitura porquanto conta a história do livro e que deve ser registrada: “O casamento, realizado em 27 de junho de 1930 com Da. Graziela Rabelo da Costa, parece ter completado, disciplinado, como diz a ilustre Da. Heloísa Alberto Torres, do Museu Nacional, as atividades ainda vagantes de seu espírito, passando a produzir em estreita colaboração com a esposa”. Diversos capítulos foram elaborados e proferidos como palestras sobre antropogeografia na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, graças a Roquette Pinto. Impossível transmitir o montante de saber acumulado nesta **Antropogeografia**, de Raimundo Lopes, com a probidade característica de verdadeiro cientista. Ilustrações do autor e 207 notas enriquecem a obra, ímpar em nossa bibliografia científica.

Arrancar do esquecimento autores como Raimundo Lopes e reeditar suas obras (inclusive os esparsos em revistas e jornais) é uma forma superior de servir a Cultura de nosso país. Oxalá encontrem eco estas sugestões.